

Universidade de Brasília
Departamento de Economia
Disciplina: Economia do Trabalho (Pós)
Professor: Carlos Alberto
Período: 1/03
Terceira Prova

Questões

1. Em 1996, Miguel Rossetto (atual Ministro de Reforma Agrária) era Deputado Federal e foi autor de uma publicação denominada **Projeto de Defesa do Emprego: uma alternativa petista para a crise** (Câmara dos Deputados, Brasília, 1996). Nessa publicação, o atual Ministro discorre sobre problemas do desemprego contemporâneo, no mundo e no Brasil, e propõe um Projeto de Lei Complementar para acabar com o desemprego. Na página 20, ele sustenta: “A heterogeneidade de comportamento fica ainda mais clara se comparamos resultados por países individualmente. Entre 1970 e 1992, a Espanha cresceu à importante taxa de 93%, mas seu emprego total diminuiu em 2%. A Suécia cresceu menos (42%), mas seu emprego total cresceu bastante (16%). Resta perguntar então: o que provoca estas diferenças que fazem que mesmos níveis de crescimento possam provocar tanto emprego como desemprego segundo os períodos ou os países? A resposta acaba por ser óbvia e muito importante: *a escolha do nível de emprego é um decisão política* para toda a sociedade (ou para quem age em nome dela, o estado) e qualquer nível de emprego é compatível com um grande ou pequeno crescimento,.....” (Itálico no original)

O ponto que gostaria que comentem é: *a escolha do nível de emprego é uma decisão política* e qualquer nível de emprego é compatível com um grande e pequeno crescimento. Vocês têm duas alternativas. Têm que justificar em termos teóricos essa proposição ou criticá-la. A referência para a crítica ou a defesa dessa proposição deve ter como fundamento analítico alguma matriz teórica, não é para chutar argumentos.

(Atenção. Eu não reproduzi todos os argumentos do então Deputado, mas não vale supor que queda nos salários reais, dado que ele está supondo que o aumento do emprego se dará concomitantemente com uma melhor distribuição de renda e crescimento do salário real).

(Esta questão vale três pontos)

2. Hoje já não está tão de moda, dado que a performance dos EUA no transcurso dos anos 90 desautorizou, empiricamente, muitos de seus argumentos. Contudo, muitas de suas proposições ainda podem ser encontradas em certos enfoques denominados de heterodoxos. O ponto é o seguinte. A partir de meados dos anos 80 e em parte dos 90, muitos sustentavam que o desemprego no mundo era originada pela revolução tecnológica. Esses argumentos se alimentavam de duas fontes. A primeira está vinculada a uma relação que, no fundo, é tautológica. O crescimento do emprego é o diferencial entre a elevação do produto e o aumento da produtividade. Como a definição de produtividade é PIB/emprego, explicar o incremento do emprego como o diferencial entre o aumento do PIB e da produtividade não diz absolutamente nada, é uma tautologia. O segundo argumento era ainda mais frágil, dado que situar o problema do desemprego

na tecnologia não é novo e parece ser um temor primitivo e recorrente diante de novas tecnologias que, em diferentes fases da história, reaparece. No começo da Revolução Industrial os trabalhadores quebravam as máquinas porque nelas identificavam a origem de seus problemas de emprego. Paradoxalmente, os dois períodos históricos nos quais se atingiu uma situação de quase pleno emprego (na totalidade dos países centrais entre 1940 e meados dos anos 70 e nos EUA nos anos 90) coincidiram com explosivos aumentos na produtividade. Por outra parte, segundo os que argumentam em termos de novas tecnologias e produtividade, para “solucionar” os problemas de emprego a questão é uma estagnação na produtividade. Quanto menos cresce a produtividade melhor para o emprego!

Explique, em termos teóricos, porque períodos históricos de rápido crescimento da produtividade coincidem com aumento do produto e emprego. Não quero dizer que aumentos da produtividade geram crescimento do produto e do emprego, mas que coincidem. O ponto que quero que comentem é: porque? qual são as inter-relações e as relações de causa e efeito?

(Lembrem de Schumpeter e seu *Capitalismo, Socialismo e Democracia*)

Esta questão vale três pontos.

3. No Modelo Clássico, o salário nominal é uma variável endógena ou exógena? Porque?

Esta questão vale um ponto.

4. Quando temos uma economia aberta a dicotomia entre Modelo Clássico e Keynesiano são mais complexas. Um exemplo. Para os clássicos uma queda no salário real elevava a demanda de trabalho. Desde uma perspectiva keynesiana, em economia aberta, pode ser que também. Por exemplo, uma queda na relação e/w (taxa de câmbio salário) aumenta a competitividade das exportações brasileiras, reduz a competitividade das importações no mercado interno e, assim, a demanda agregada se aquece. Ou seja, a queda do salário real (em termos de dólar) pode aquecer a demanda agregada e o emprego, especialmente se estas não podiam crescer pela restrição externa. As relações de causalidade são diferentes mas os resultados semelhantes: quedas no salário real (em termos de dólar) aquecem a demanda de trabalho.

A minha pergunta é: hoje, que aspectos do Modelo Clássico e que aspectos do Modelo Keynesiano lhe parecem relevantes para o Brasil (em termos de mercado de trabalho)? Por favor, evitar contradições. Ou seja, não afirmar uma coisa e depois afirmar o contrário.

(Esta questão vale três pontos)